

**ANÁLISE LITERÁRIA DA OBRA
“TERRA CAÍDA”, DE JOSÉ POTYGUARA⁵³**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)
darlan.ufac@yahoo.com.br

RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se fazer uma análise do romance “Terra caída”, de José Potyguara, pautando-se nos elementos tradicionais da narrativa, a saber: narrador, enredo, personagens, espaço e tempo. O narrador é heterodiagético, o enredo é linear, os personagens são diversificados e complexos, o espaço é o Acre, mais precisamente, o seringal do Coronel Antônio Monteiro, situado às margens do Rio Juruá e o tempo é o Primeiro Surto ou Ciclo da Borracha no Acre (1879–1912) com narração de dia, de tarde e de noite, obedecendo à ordem cronológica da história. Espera-se contribuir com a divulgação e o resgate da língua, história e cultura acreana.

Palavras-chave:

Literatura. Amazônia Acreana. “Terra caída”, de José Potyguara.

RÉSUMÉ

Cet article vise à faire une analyse du roman «Terra caída», de José Potyguara, en se basant sur les éléments traditionnels de la narration, à savoir: le narrateur, l'intrigue, les personnages, l'espace et le temps. Le narrateur est hétérodiagétique, l'intrigue est linéaire, les personnages sont diversifiés et complexes, l'espace est Acre, plus précisément, la plantation de caoutchouc du colonel Antonio Monteiro, située sur les rives de la rivière Juruá et le temps est le premier cycle du caoutchouc en Acre (1879–1912) avec une narration de jour, d'après-midi et de nuit, obéissant à l'ordre chronologique de l'histoire. Il devrait contribuer à la diffusion et au sauvetage de la langue, de l'histoire et de la culture d'Acre.

Mots clés:

Littérature. Amazônia Acreana. “Terra Caída”, par José Potyguara.

1. Introdução

No presente trabalho, em um olhar diferente da Dissertação de Mestrado em Letras: linguagem e identidade “Traços de Regionalismos no Léxico da Obra ‘Terra caída’, de José Potyguara”, defendida em 2019 na UFAC, analisamos os elementos tradicionais da narrativa, a saber: narrador, enredo, personagens, espaço e tempo. Os autores Gancho (2002), Reis e Lopes (1988) e Reales e Confortin (2008) são utilizados

⁵³ Dedico o presente trabalho a Luiz Paulo Batista da Silva, acreano do meu coração, filho de seringueiro e natural de Porto Walter-AC.

como base e a análise pretende responder à seguinte pergunta: Quem é o narrador e como é o enredo, os personagens, o espaço e o tempo da narrativa “Terra caída”, de José Potyguara? Ademais, cabe registrar que, foram três as justificativas para a escrita deste texto, a saber: 1º) Possibilidade de resgatar, por meio da análise dessa obra literária regional, aspectos históricos importantes e marcantes do Acre e divulgá-los nos meios científicos e acadêmicos das letras, incentivando o interesse e a leitura da Literatura Amazônica; 2º) Desenvolvimento, em âmbito de Mestrado em Letras: linguagem e identidade na UFAC, de estudo que analisou o léxico do seringueiro acreano na obra; 3º) Interesse pela Literatura Acreana e, apesar de não ser acreano, vontade de estudar a língua, a história e a cultura deste local que lutou para fazer parte do Brasil.

2. Romance “Terra caída”, de José Potyguara

2.1. Narrador

O narrador, quem narra, conta ou relata, pode ser com base nas categorias criadas por Genette (1972): autodiegético, heterodiegético e homodiegético. Conforme este autor, o primeiro narra suas experiências, é o protagonista principal e geralmente está sendo narrado na primeira pessoa; o segundo narra não participando dos fatos, não faz parte jamais da história, comumente está na terceira pessoa, embora saiba de tudo e está presente em todos os lugares, é anônimo, contando fatos já acontecidos; e o terceiro narra a história sendo personagem “cujo destaque pode ir da posição de simples testemunha imparcial a personagem secundária estreitamente solidária com a central” (REIS; LOPES, 1988, p. 124).

Diante do exposto, o narrador do romance em análise, podemos afirmar, é heterodiegético. Vejamos:

O SOL AINDA afogueia o poente e já é quase noite dentro da mata. Na penumbra do varadouro um vulto apressa o passo. Aqui e ali, agacha-se junto ao tronco de cada seringueira, despeja dentro do balde o leite das tigelinhas e prossegue no choutinho miúdo, quase correndo. Chico Bento está atrasado na colheita do leite. Não andasse depressa, todo o conteúdo do balde coalhava, virando um bolão de sernambi. Faz apenas quatro meses que chegou do Ceará. A princípio, estranhou a diferença de costumes, a alimentação, o sistema de trabalho. (POTYGUARA, 2007, p. 11)

Neste trecho, interessante perceber que o narrador está limitado em descrever a natureza e o personagem Chico Bento, não fazendo parte da história. Em seguida, outro trecho que confirma a classificação hete-

rodiegética do narrador, é o seguinte:

Chico Bento termina a primeira parte da tarefa diária, fechando o corte. Cansado, senta-se à beira de um igarapé, enquanto entretém o estômago: um pedaço de pirarucu e chibé de farinha d'água. Puxa do bolso papelim, tabaco e começa a fazer um cigarro. Súbito, um grito estridente, profético, pessimista: – Daqui pra pior!... É o papa-lagarta, ave muito conhecida dos seringueiros. Seu canto, irritante e agudo, imita a frase escarninha e desalentadora. (POTYGUARA, 2007, p. 50)

Em face do exposto, neste segundo trecho, confirmamos que o romance é narrado pelo narrador heterodiegético que, a partir do seu ponto de vista, nos conta episódios que resgatam a língua, história e cultura acreana.

2.2. Enredo

O enredo, que conforme Gancho (2002) pode ser também denominado como intriga, ação, trama ou história, é “o conjunto dos fatos de uma história”. A estrutura e a natureza ficcional são pontos fundamentais quando se trata de analisar esse elemento da narrativa (GANCHO, 2002). No romance em estudo, o enredo é linear, a narrativa com início, meio e fim, começa a ser contada pelo narrador heterodiegético nos tempos de grandes riquezas na região Amazônica devido a extração da borracha e termina nos tempos de crise com preços baixos e a economia regional arruinada.

O enredo começa com o narrador heterodiegético descrevendo a trajetória de Chico Bento, homem de poucas palavras, extremamente sincero e trabalhador, que diante da seca e da fome no Ceará, migra com a esposa e as duas filhas (a mais nova com cinco anos e a mais velha com 12 anos) para o Acre em busca de melhorias de vida. Feito isso, no primeiro mês, sua filha mais nova morre de malária, sofrendo por vários dias sua esposa Maria, até que, passando algum tempo, descobre que está grávida.

O estranhamento com a natureza é o que chama a atenção, “a princípio, estranhou a diferença de costumes, a alimentação, o sistema de trabalho” (POTYGUARA, 2007, p. 11), “a fase duríssima de adaptação ao meio hostil; as doenças, as febres, as pragas de mosquito, a solidão da selva feroz e dominadora, agravando as saudades do sertão distante” (POTYGUARA, 2007, p. 13) e a proibição da prática de agricultura para que o seringueiro comprasse apenas no barracão do patrão para viver es-

cravizado pela dívida. Além da distância, dificuldades, doenças, perigos, a falta de mulher constituía-se também, para alguns seringueiros, um problema. Quando Chico Bento chegou ao seringal não foi um problema porque suas filhas eram menores, porém, com a chegada de Policápio, sua esposa e, principalmente, sua filha Rosinha de 20 anos, morena, peitos empinados, namorada de Nonato (filho de Zé Rufino), tem-se a provocação e “a cupidez de cento e muitos seringueiros sem mulher” (POTYGUARA, 2007, p. 16).

Certa vez, Chico Bento está sentado à beira do igarapé comendo pirarucu e fumando, quando de repente aparece a ave papa-lagarta com o grito estridente, profético e pessimista: “– Daqui pra pior!” (POTYGUARA, 2007, p. 50). Neste episódio, ouve os gritos de aflição da esposa, que corre ao seu encontro, assim como, sua filha mais velha. Elas relataram que, enquanto uma foi lavar roupa e, a outra buscar água, ouviram o menino de oito meses chorar e, chegando na barraca, avistaram a onça saindo com ele na boca. Chico Bento, mais que depressa, pegou o rifle e com ajuda do cachorro conseguiu matar a onça, mas o filho já tinha sido todo devorado pela fera.

Ocorrido isso, a mulher de Chico Bento quase enlouquece, não o larga em minuto nenhum. Certa ocasião, ele saiu de madrugada, cortou dez madeiras e, do nada, apareceram a esposa e a filha. Finalmente, tomou a decisão de mudar para perto da sede do seringal e trocar a seringa pela agricultura. Diante disso, Chico Bento, a esposa e a filha juntaram as roupas e tudo que conseguiram carregar e foram falar com o coronel, que aceitou com a condição de que toda produção fosse fornecida exclusivamente para o armazém do seringal.

Além do exposto, observamos ainda em relação ao enredo, que o romance, apesar de ficcional, focaliza páginas vivas da história do Acre, ou seja, o Primeiro Surto ou Ciclo da Borracha no Acre (1879–1912). São vários os motivos da crise da economia da borracha, esse período histórico é retratado, por diversos olhares e das mais diferentes formas imagináveis, nas obras literárias amazônicas. No tocante aos tempos de crise, momento em que o romance tem seu desfecho com toda riqueza do Coronel Antônio Monteiro desbarrancando nas “terras caídas” ou jogadas pela fúria da natureza no Rio Juruá, a economia da borracha no Acre:

[...] não entrou em falência só porque se opunha aos seus concorrentes externos, mas porque ela se mostrava uma rede comercial complexa, anco-

rada em regimes de organização que a tornavam deficitária por conta de seus problemas internos. [...] as contradições externas (a produção asiática de borracha) congregadas com as internas (os vários défits da cadeia de aviação) é que levaram a bacarrontas o ciclo da borracha no Brasil a partir de 1910. (KLEIN, 2013, p.143-4)

Logo, o final é inesperado, a cena do desfecho da história é de ruínas porque a natureza, mostrando que é sempre mais forte que o homem, faz com que toda riqueza se resuma apenas às “terras caídas” no Rio Juuaá.

2.3. Personagens

Os personagens são seres inventados, desempenham papéis e realizam a ação na história, ou seja, são seres que “pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente” (GANCHO, 2002, p. 14), agindo ou falando na narrativa. Desse modo, no que diz respeito aos papéis desempenhados, podem ser classificados em conformidade com Gancho (2002) e Reales e Confortin (2008), em Protagonista (Herói e Anti-Herói), Antagonista e Personagens Secundários e, por outro lado, no tocante às características, Personagens Planos ou Personagens Redondos.

Por conseguinte, fazemos no quadro 1 a seguir, a categorização dos personagens, descrevendo na sequência os seus papéis e as características apresentadas no desenrolar dessa obra literária de caráter regional.

Quadro 1: Categorização dos personagens.

Personagem	Categoria em que se enquadra no que diz respeito ao papel	Categoria em que se enquadra no tocante as características
Chico Bento	Personagem protagonista herói	Personagem redondo
Filha mais nova de Chico Bento	Personagem secundário	Personagem plano
Maria	Personagem secundário	Personagem plano
Filho recém-nascido de Chico Bento	Personagem secundário	Personagem plano
Policário	Personagem secundário	Personagem plano
Rosinha	Personagem antagonista	Personagem redondo
Nonato	Personagem antagonista	Personagem redondo
Dona Chiquinha	Personagem secundário	Personagem redondo
Zé Rufino	Personagem secundário	Personagem redondo
Tomaz	Personagem antagonista	Personagem redondo

Coronel Antônio Monteiro	Personagem antagonista	Personagem redondo
Dona Laura	Personagem secundário	Personagem redondo
Gertrudes	Personagem secundário	Personagem plano
Sogro português do coronel	Personagem secundário	Personagem plano
Luisa	Personagem secundário	Personagem plano
Joana	Personagem secundário	Personagem plano
Conrado	Personagem secundário	Personagem plano
Tiburtino	Personagem antagonista	Personagem redondo
Anália	Personagem antagonista	Personagem redondo
Mané Ferreira	Personagem secundário	Personagem plano
Mr. Scott ou Acari	Personagem secundário	Personagem plano
Zé Barbosa	Personagem secundário	Personagem plano
Elza	Personagem secundário	Personagem plano
Benedito	Personagem secundário	Personagem plano
Trindade	Personagem secundário	Personagem plano
Zequinha	Personagem secundário	Personagem plano
Nero	Personagem secundário	Personagem plano
Paulinho	Personagem antagonista	Personagem redondo
Elias Abdala	Personagem antagonista	Personagem redondo
Zé Ambrósio	Personagem antagonista	Personagem redondo
Zeferino	Personagem antagonista	Personagem redondo
Regina	Personagem secundário	Personagem plano
Sebastião	Personagem secundário	Personagem plano
Vicência	Personagem secundário	Personagem plano
Mané Teles	Personagem secundário	Personagem plano
Manoel	Personagem secundário	Personagem plano

Fonte: Autor da pesquisa.

Categorizados, em consonância com as categorias referentes aos tipos de personagens sugeridas por Gancho (2002) e Reales e Confortin (2008), em seguida, descrevemos no quadro 2, os personagens da narrativa.

Quadro 2: Descrição geral dos personagens.

Personagem	Descrição
Chico Bento	Personagem principal
Filha mais nova de Chico Bento	Morre no começo da narrativa de malária
Maria	Esposa de Chico Bento
Filho recém-nascido de Chico Bento	Morre devorado por uma onça
Policápio	Amigo de Chico Bento Morre esmagado por uma Sapupema
Rosinha	Filha de Policápio Muito desejada por todos os homens

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nonato	Noivo de Rosinha Mata o pai Zé Rufino e Tomaz
Dona Chiquinha	Esposa de Policárpio Fica cega devido a acidente com a espingarda
Zé Rufino	Pai de Nonato Morre em uma armadilha feita pelo filho
Tomaz	Homem de confiança do patrão É morto por Nonato
Coronel Antônio Monteiro	Dono do seringal Respeitado na região Juiz de paz Rico e poderoso
Dona Laura	Esposa do Coronel Antônio Monteiro Tem pavor de seringal Vive em Belém-PA
Gertrudes	Mãe de Dona Laura
Sogro Português do Coronel	Comerciante em Belém-PA
Luísa	Irmã de Dona Laura
Joana	Mulher negra Cozinheira do Coronel Antônio Monteiro Mãe de Benedito
Conrado	Guarda-livros Escrivão de paz Homem de confiança do Coronel Antônio Monteiro
Tiburtino	Chefe do armazém Esposo de Anália
Anália	Esposa de Tiburtino Amante do Coronel Antônio Monteiro
Mané Ferreira	Seringueiro que morre picado por uma Sururuçu
Mr. Scott ou Acari	Inglês Médico do seringal Fumante de tabaco
Zé Barbosa	Funcionário postal
Elza	Professora do seringal Namorada de Paulinho
Benedito	Filho de Joana
Trindade	Velho Mais antigo do seringal É mordido por um jacaré e tem a perna amputada
Zequinha	Sem nenhuma descrição
Nero	Cachorro de caça de Zé Rufino e Nonato
Paulinho	Sobrinho do Coronel Antônio Monteiro Formado em Ciências Contábeis Namorado de Elza Amante da esposa do coronel
Elias Abdala	Regatão

Zé Ambrósio	Seringueiro respeitado Fugido da cadeia do Quixadá por ter matado dois em uma briga Tenta liderar uma revolta no seringal É obrigado a ir embora do seringal
Zeferino	Seringueiro que matou Sebastião por desrespeitar sua esposa Vai para cadeia de Cruzeiro do Sul-AC
Regina	Esposa de Zeferino
Sebastião	Morto por tentar abusar sexualmente da esposa de Zeferino
Vicência	Esposa falecida de Zé Rufino e mãe de Nonato
Mané Teles	Sanfoneiro
Manoel	Funcionário do Coronel Antônio Monteiro

Fonte: Autor da pesquisa.

São os personagens, seres inventados e imaginados, os edificadores por excelência da obra literária. Percebemos, nos quadros 1 e 2, que o romance, em questão, possui uma grande multiplicidade de personagens, que possibilitam olhares e interpretações infinitas devido ao poder da escrita literária.

2.4. Espaço

O espaço é o lugar onde acontece os fatos, acontecimentos, eventos, “os ambientes sociais, psicológicos, morais e culturais” (REALES; CONFORTIN, 2008, p. 48). Essa categoria, materializada pelos componentes físicos e imaginários do cenário da narrativa, no romance “caracteriza-se pela pluralidade geográfica” (MOISÉS, 1990, p. 103). Em outras palavras, o espaço é o que está ou não delimitado na obra literária. Logo, o espaço na obra literária em análise, pode-se mencionar, é a Amazônia, o Acre e, de forma mais exclusiva, o seringal do Coronel Antônio Monteiro, localizado às margens do Rio Juruá e distante “quatro dias de rio abaixo” (POTYGUARA, 2007, p. 28) de Cruzeiro do Sul-AC. No que diz respeito à distância e os perigos encontrados nessas terras dos confins do Acre, o narrador heterodiegético a partir do seu olhar, descreve que:

A grande distância, a incômoda viagem em morosas gaiolas, as dificuldades de comunicação sem correio nem telégrafo, o espantinho das doenças, tudo isso agravado pelas histórias de animais ferozes e de índios antropófagos, fazia da região amazônica um mundo misterioso, um degrado sob o domínio da morte, uma espécie de vestibulo do inferno, que só os homens – e nem todos – ousavam conhecer. (POTYGUARA, 2007, p. 15)

Sendo assim, para chegar ao seringal do Coronel Antônio Monteiro não era fácil, eram vários dias viajando na embarcação nomeada como gaiola, sem contar que, tratava-se de um lugar com dificuldades de comunicação com o mundo e, ao adentrar na mata, havia os animais perigosos da floresta inexplorada e totalmente desconhecida, as doenças e os índios. Portanto, o espaço amazônico e, mais especificamente, o acreano é um lugar misterioso, diversas obras literárias destacam o conflito do homem com os perigos da floresta, pois, como denominou Rangel (1927), trata-se de um “inferno verde” em que muitos homens tentaram explorar por necessidade e, principalmente, em busca de concretizar um grande sonho que, para a grande maioria, não foi possível realizar. Sobre a descrição da estrutura humana do seringal, observa-se que:

ALÉM DO PESSOAL a serviço do barracão e do armazém – caixeiros, comboieiros, mateiros, caçadores e trabalhadores de campo –, o seringal tinha duzentos homens no trabalho da borracha, com capacidade para colocar muito mais. Medindo de frente quarenta praias, pela margem esquerda do Juruá, estendendo-se para o centro até a divisória de águas, aquilo é seringal para trezentas toneladas, sem cansar madeiras. (POTYGUARA, 2007, p. 27)

O narrador heterodiegético na sequência descreve fisicamente o seringal. O seringal, no olhar de quem nos conta a história, está localizada espacialmente:

Num campo apertado entre a mata e o rio, a sede do seringal é apenas um embrião do povoado, um arremedo de rua paralela ao barranco. Perto do porto, o primeiro casarão de madeira, coberto de zinco, é o armazém. Ao lado, ligado por trapiche de paxiúba, o escritório ostenta na fachada duas letras grandes: A. M. – iniciais do Coronel Antônio Monteiro. Em seguida, estão a casa do Tiburtino, a do guarda-livros, a escola, o curral e, por último, a residência do proprietário, um bonito chalé de madeira de lei, cercado de varandas. Por trás, beirando o aceiro da mata, sem preocupação de arrumamento, o engenho, a casa de farinha, a barraca do mateiro e algumas outras, de trabalhadores do campo. Mais distante, já do outro lado do igarapé, o barracão de hospedagem e o paiol de inflamáveis, prudentemente isolado por uma cerca de arame farpado. (POTYGUARA, 2007, p. 32)

A denominação “margem”, quando referida na obra, é a sede do seringal e o “centro” quando mencionado, é o lugar no meio da mata onde habitam os novos seringueiros, que vivem em barracas, não podendo plantar e devendo se dedicar exclusivamente à extração da borracha. Em seguida, o narrador heterodiegético ainda descrevendo o seringal, conta que:

Na sede do seringal, além da convivência do pequeno aglomerado de hu-

mano, a presença do rio, com suas águas em constante movimento, é também expressão de vitalidade. Mas, no centro da floresta, condenado à tristeza do isolamento, o homem assiste impassível à sua própria bestialização através de uma existência vegetativa em que a monotonia domina tudo, dando a impressão de que, ali, a vida parou. (POTYGUARA, 2007, p. 138)

Os elementos da natureza, já que se trata de um romance que mostra o homem lutando pela sobrevivência contra as forças inesperadas da natureza e a exploração do colonizador e explorador, são de extrema importância. O rio e a floresta, por exemplo, são em toda narrativa retratados. No tocante a tristeza em face do isolamento do mundo, o narrador heterodiegético, afirma que “às escuras, o seringal é ainda mais triste. Pelas janelas abertas do chalé, um candeeiro ‘aladim’ projeta no terreiro retângulos de intensa claridade, tornando mais mortiça a luz das outras casas” (POTYGUARA, 2007, p. 39). Explorando, na sequência, os recursos hídricos pertencentes ao espaço do seringal, o narrador descreve que um:

POUCO ACIMA DA SEDE do seringal, e a poucos minutos da margem do Juruá, fica o “Lago Preto”. Outrora, aquilo era uma acentuada curva do rio, conhecida por “Volta Grande”, que os gaiolas subiam em quatro horas. Com os anos, a erosão das águas foi aproximando os barrancos que se uniram, retificando o canal. A força da correnteza entupiu a entrada do antigo leito que, assim abandonado, reteve a água numa extensão de muitos quilômetros, crescendo durante a estação chuvosa. No verão, o “Lago Preto”, constitui riqueza, uma despesa para os seringueiros que habitam suas margens lamacentas. Além da fartura de patos-selvagens, boa variedade de peixes. Desde a pirapitinga e gostosos curimatãs e matrinxãs, até espécies miúdas: pacu, piau e mandi. (POTYGUARA, 2007, p.62)

O “Lago Preto”, mencionado na obra, fornecia peixes para alimentação dos seringueiros. Antes de acontecer a grande e inesperada tragédia final, o narrador heterodiegético antecipa que:

CHOVE TORRENCIALMENTE há duas semanas. Do céu escuro, risco de relâmpagos, a água cai sem cessar, enchendo os igarapés e os lagos. O Juruá transborda, estuante, na força do repiquete. Do beijo do barranco o aguaceiro avançou floresta adentro, inundando tudo, na gulodice devastadora da alagação. Só se vêem água e mata. Com o repiquete dos afluentes, o grande rio triplicou sua largura. Parece imenso o lençol, encardido, sujo de barro, debruado recém os últimos ramos das ouranas, assinalando o leito. E lá, no meio, a caudal impetuosa vai arrastando tudo que encontra: balseiros, ilhotas de mururé, touceiras de canarana, canoas fugidas do porto, banheiros de palha, tábuas de lavar roupa, cadáveres de animais, toros de cedro e até árvores inteiras, com a copa ainda repleta de chilreantes. (POTYGUARA, 2007, p. 274)

É interessante destacarmos que no espaço amazônico e acreano,

geralmente, no verão os rios, lagos e igarapés enchem em face das chuvas, alagando tudo que está à margem. Por fim, o espaço do seringal do Coronel Antônio Monteiro no desfecho da história não é o mesmo do começo, pois, a natureza com sua fúria mostra que é mais forte que o homem.

2.5. Tempo

O tempo, categoria muitas vezes difícil de ser identificada, é a época em que ocorre a narrativa, acontecem os fatos, agem, falam e pensam os personagens (GANCHO, 2002). O tempo, em conformidade com Gancho (2002), pode ser categorizado em três categorias, são elas: a) Época em que se passa a história; b) Duração da história; c) Tempo Cronológico; d) Tempo Psicológico. Diante disso, podemos afirmar que provavelmente a época em que ocorre a história do romance, em questão, é o Primeiro Surto ou Ciclo da Borracha no Acre (1879–1912), sendo narrado de dia, de tarde e de noite e obedecendo a ordem cronológica da história.

3. Considerações finais

No presente trabalho, tendo em vista que são vastas as interpretações e possibilidades de análise das obras literárias, tentamos analisar os elementos tradicionais da narrativa da obra “Terra caída”, de José Potyguara. Feito isso e, respondendo à pergunta inicial, “Quem é o narrador e como é o enredo, os personagens, o espaço e o tempo da narrativa “Terra caída”, de José Potyguara?”, podemos afirmar que o narrador é heterodiegético, o enredo é linear, os personagens são diversificados e complexos, o espaço é o Acre e, mais precisamente, o seringal do Coronel Antônio Monteiro situado às margens do Rio Juruá e o tempo é o Primeiro Surto ou Ciclo da Borracha no Acre (1879–1912) com narração de dia, de tarde e de noite, obedecendo a ordem cronológica da história.

Diante disso, podemos afirmar que, embora o romance seja uma realidade inventada, os fatos históricos importantes e marcantes desse período não só para o Acre, mas para o Brasil e o mundo, são notáveis. Após breve análise do romance, registramos que é o narrador, o enredo, os personagens, o tempo e o espaço que possibilitam com que haja a narrativa literária. Ademais e, para finalizar, esperamos com o presente trabalho contribuir com a divulgação e o resgate da língua, história e cultura

acreana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GANCHO, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

GENETTE, Gerard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Vega, 1972.

KLEIN, Daniel da Silva. *A Borracha no Acre: economia, política e representações (1904-1945)*. Universidade do Estado de São Paulo – USP, São Paulo, 2013. (Tese de Doutorado em História Social).

MELO, Isaac. *José Potyguara: intérprete da alma acreana*. 2010. Disponível em: <https://ambienteacreano.blogspot.com/2010/04/jose-potyguara-interprete-da-alma.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 1990.

POTYGUARA, José. *Terra caída*. São Paulo, Globo, 2007.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas*. 4. ed. Tours: Typographia Arrault, 1927.

REALES, Liliana; CORFORTIN, Rogério de Souza. *Introdução aos Estudos da Narrativa*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Literatura*. São Paulo: Ática, 1988.